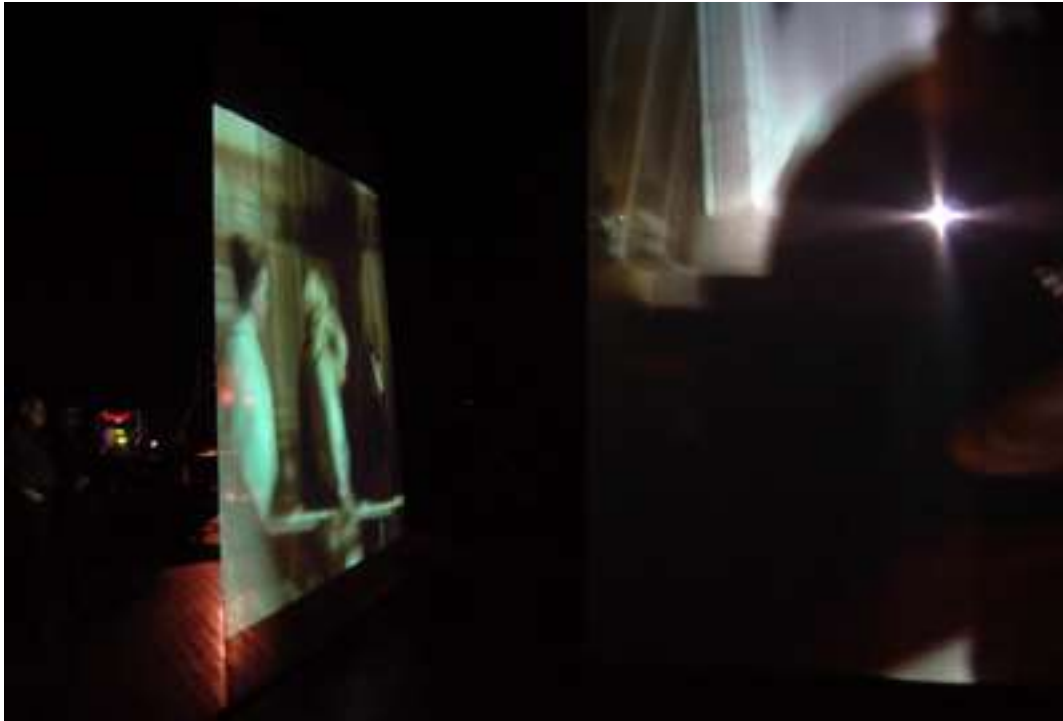


## ***Isto não é um Concerto***

*Simone Michelin, março 2004*



DesConcerto surgiu de um convite que recebi da compositora Vania Dantas Leite para "fazer um concerto que não era um concerto", ao que eu respondi com a minha pesquisa na área de novas mídias, narrativas experimentais e produção do espaço.

Neste caso projetei um sistema dinâmico que conversava com o acontecimento, concerto x público; a instituição e o circuito, espaços oficiais x situações informais; a realidade, espaços atuais x espaços virtuais. Nele 3 camadas de tempo e espaço convivem simultaneamente. Trabalhei com estas tensões embaralhando os códigos que regem o funcionamento dos lugares e provocando colapsos de tempo e espaço. A estratégia visava trazer a rua para dentro do teatro e levar o teatro para a a rua. Era um sistema para ver andando que ocupava todo o térreo do espaço cultural e envolvia processamentos de som e imagem em tempo real. DesConcerto investiga como os lugares são configurados em função de seu uso e como isto determina o modo como as pessoas se comportam;



Dentro do teatro, um ambiente imersivo criava uma arquitetura fluida, um espaço cuja visibilidade, apreensão, dependia de deslocamento. Assim a história contada, a narração, é vivida fisicamente como uma experiência mnemônica que talvez provoque rupturas e anamneses. A música processada no teatro era difundida através de caixas de som na entrada, do lado de fora do centro cultural. No hall de entrada e bar, televisões veiculavam as cenas projetadas no teatro (áudio e vídeo), microfones captavam o som e uma câmera móvel as imagens. Este material era levado para dentro do teatro, processado, projetado em vídeo e difundido nas caixas de som junto com material pré-produzido.

Na galeria do térreo estava uma estrutura duplicada e rebatida que quando usada representava a síntese do sistema: o público via o vídeo e o outro público na sua frente e vice-versa. Então ficção e realidade colidiam criando esta fricção entre o que era e o que não era espetáculo, que é o cerne do problema de acordo com meu ponto de vista.

Neste ponto DesConcerto, assim como uma série de outros trabalhos que faço, pode ser visto como 'cinema-expandido' ou um 'pós-cinema' ou o 'cinema do futuro' (vide Peter Weibel, Jeffrey Shaw) ou uma 'forma expandida de vídeo' (John Hanhardt). Da perspectiva da música poderia ser sua materialização visível (vide relações música-imagem com Vania Dantas Leite).

A parte em vídeo da narrativa foi montada com diversas situações onde pessoas em trânsito na cidade vêem músicos se apresentando na rua, no espaço público, de modo quase

sempre informal, justapostas a cenas pré-gravadas do público de concertos anteriores do próprio local e mais o material captado em tempo real – as pessoas naquele instante, naquele mesmo lugar. Assim o público estava de fato no espaço atual e como imagem no espaço virtual eletrônico, as vezes em dois momentos diferentes - o tempo real do evento e o passado, como audiência do concerto pré-gravado no mesmo espaço, uma vez que parte dos frequentadores é sempre a mesma. Ao mesmo tempo e no mesmo espaço, eles estavam junto com outros públicos em outras cidades, fazendo as mesmas coisas que eles-nós aqui fazemos. Chamei de *“Art is the Center of the Real World”* ao material em vídeo produzido para DesConcerto. Esta idéia era um subtexto para o roteiro que começava com uma apresentação pública de Philip Glass e um compositor africano, seguida de um grupo de índios de Dakota do Sul, todos na antiga Praça do World Trade Center, em 1998. A partir daí a história fragmentava-se em diversas situações que acontecem em outras cidades pelo mundo.



Todo o mecanismo criado apontava para o sujeito e seu comportamento em relação a coisas do cotidiano da vida urbana. O sujeito vê a si próprio de longe, de fora, de outro ponto-de-vista. Este sistema ou organismo com capacidade de promover ‘reversão’ é a base do que proponho como ‘treinamento sensível’ dentro do meu trabalho em arte – uma experiência de deslocamento, movimento, alteridade, velocidade e existências simultâneas.

Ficha Técnica:

Espaço Cultural Sérgio Porto, 11 de setembro de 2003, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Dinâmica espacial do sistema / Vídeos (câmera, edição, direção, roteiro) - Simone Michelin  
Música / Argumento do concerto - Vania Dantas Leite  
Processamentos em tempo real - Elaine Tomazzi Freitas  
8 canais de som (6 pré-gravados e 2 em tempo real);;  
5 canais de vídeo; 4 vídeo-projeções (3 pré-gravadas e 1 em tempo real);

**SIMONE MICHELIN** é artista visual, pesquisadora e professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do N-Imagem ECO/UFRJ, CAIIA-STAR/UK (1999-2000) e da ANPAP (Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas). Incorpora tecnologias de comunicação e produção da imagem, fotografia, vídeo, sistemas computacionais e construções arquitetônicas na produção da obra de arte.